DE CAMPOS RIBEIRO

OLAVO NUNES

ANIMADOR DE TERNURAS E IRONIAS

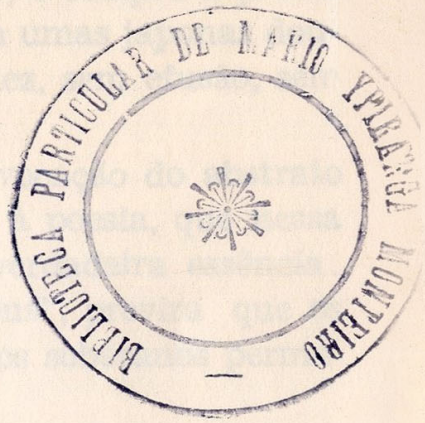
1527
Comp

Separata da
REVISTA DE CULTURA DO PARA
ANO I — Nº 4 — AGOSTO/OUTUBRO — 1971
BELÉM - PARÁ

DE CAMPOS RIBEIRO

OLAVO NUNES

ANIMADOR DE TERNURAS E IRONIAS



Separata da
REVISTA DE CULTURA DO PARA
ANO I — Nº 4 — AGOSTO/OUTUBRO — 1971
BELÉM - PARÁ

OLAVO NUNES,
ANIMADOR DE TERNURAS E IRONIAS

DE CAMPOS RIBEIRO

O pensador da Filosofia da História da Humanidade, Herder, uma das fontes em que se abeberou a erudição de Afonso de Carvalho ao estudar a "Poética de Olavo Bilac", definiu a poesia como a filha mais legítima e a mais veemente da alma humana. Viu-a, por sua vez, Claudel, como a obra de Deus que faz a matéria inexaurível das narrativas e dos cantos do maior poeta como do mais pobre passarinho.

Muito antes, porém, já o soneteador seiscentista Sidney sentenciara : — olha dentro do teu coração e escreve. De afinidade com êsse conceito terá brotado a afirmativa do nosso Sílvio Romero, de que a poesia é como a música; é vaga e não deve ser submetida às exigências demonstrativas. Para êle, por isso, todos os formuladores de teses, quando passam à experiência, nada fazem de aproveitável; é sempre a poesia de *arrière-pensée*, premeditada, vestida em umas japonas doutrinárias sem espontaneidade, sem limpidez, sem efusão, sem graça, uma coisa terrível, em suma.

Na opinião de Graça Aranha, pela evocação do abstrato e do indivisível, nenhuma arte é superior à poesia, que nessa sugestão profunda e vaga tem a sua verdadeira essência. E Gautier, em seus "Esmaltes e Camafeus", previra que os deuses, êles mesmos morrem, mas os versos soberanos permanecem mais fortes que os bronzes.

E o poeta ? Emerson, em sua visão transcendentalista, nêle viu o Homem do Belo, isolado no meio de seus contemporâneos pela verdade e por sua arte, mas podendo consolar-se ao pensar que essa arte seduzirá os homens cedo ou tarde.

O poeta é, assim, aquêle que diz, aquêle que denomina e representa o belo. É soberano, ocupa um centro. Pois o mundo não foi pintado nem decorado, êle era belo desde o princípio. Deus não criou várias coisas belas, mas a beleza foi criatura do universo. De sorte que o poeta não é um potentado constitucional, êle é imperador por seu próprio direito. Por uma percepção intelectual superior, dá às coisas um poder que faz esquecer sua velha usança e dá olhos, uma língua a cada objeto inanimado e mudo...

Desta digressão, a que me arrimo, sôbre poesia e poetas, faço o pórtico, a meu ver justo e condigno, para iniciar um passeio amável e repousante através do jardim maravilhoso de emoções que, iluminado de inspirações sublimadas, mas aqui e ali pontilhado das urzes da ironia sutil e graciosa, plantou e nutriu com a seiva da alma, enamorada das claridades risonhas da vida, um poeta dos maiores desta terra.

Êsse poeta foi Olavo Nunes, o cidadão Francisco Olavo Guimarães Nunes, cujo centenário de nascimento decorreu a 29 de julho último.

Nascido na cidade de Curuçá, filho de Cândido Nunes e Clara Ferreira Guimarães Nunes, professôra normalista, foi na cidade de Vigia que passou a meninice.

Dêsse tempo, naturalmente, as duradouras impressões da paisagem, envolvente na simplicidade da rudeza telúrica, e da gente tão celebrada em copioso anedotário, pela inteligência vivaz, não raro com tangências na esperteza, gravaram-lhe fundo no coração e no espírito particular amor àqueles chãos.

Casado com a senhora Lúcia Cardoso Nunes, começou a vida pública numa Promotoria de interior, em Maracanã, então Município de Cintra, para mais tarde, em Belém, ocupar até o fim da vida, o cargo de escrivão no Forum. Morreu aos 71 anos, a 3 de agôsto de 1942.

Olavo Nunes deixou dois filhos, um do matrimônio, Olavo também, que foi magistrado, já desaparecido; o outro, adotivo, é o ilustre desembargador Edgar Lassance Cunha. O filho

Olavo deu-lhe quatro netos, sendo três varões : José Carlos, Evaristo e Luiz. A neta, Stélia Lúcia, é hoje a senhora José Renato Monte de Almeida.

O notável poeta, de cujo centenário êste Egrégio Conselho honrou-me com a missão de falar, tem destacado lugar na história de nossas letras. E em tôrno dêle cabem aqui algumas considerações sôbre a vida mental do Pará, no último lustro do século passado, quando uma geração de brilhantes talentos e prodigiosa juventude criadora marcou sua presença no original sodalício que se denominou MINA LITERÁRIA.

J. Eustáquio de Azevedo, o nosso narrador daquelas atividades intelectuais de que, como Olavo Nunes, foi atuante construtor, em sua LITERATURA PARAENSE escreveu oportuna vindicação a propósito do esquecimento injusto, e quiçá humilhante, em que os estudiosos das letras brasileiras omitiram os movimentos culturais do Pará, no campo literário, como se nunca houvessem existido. E dizia na Introdução de seu citado livro :

"O próprio senhor José Veríssimo, saudoso escritor brasileiro e paraense erudito, na sua "História da Literatura Brasileira", de nós não cuidou, nem de leve, ao menos... É que, na opinião do abalisado crítico e ríspido analista, nas resenhas e estudos literários... "o Pará é impossível figurar" e a quem, com pesar dizia, a civilização brasileira nada absolutamente deve (*Revista Amazônica*, pág. 174).

Ora, José Veríssimo escrevera que a poesia foi sempre em cópia e qualidade a porção mais considerável da nossa literatura. Mas a história da literatura brasileira era, no seu conceito, a história do que, da nossa atividade literária, sobrevive na nossa memória coletiva de nação. Como não cabem nela os nomes que não lograram viver além do seu tempo, também não cabem nomes que por mais ilustres que regionalmente sejam não conseguiram, ultrapassando as suas raias das suas províncias, fazerem-se nacionais.

Por êsse ponto de vista, compreensível é a excessão que abriu o intransigente crítico, quanto ao Pará, para o nome de

Tenreiro Aranha, ao tratar da Escola Mineira, excessão que fêz questão de acentuar o autor da LITERATURA PARAENSE.

Mas a observação da obra de Veríssimo leva-nos à conclusão de que sua norma de apreciação de valores foi atitude de estrita coerência. Sua exigência para a inclusão de figuras representativas na história da nossa literatura, encontramo-la definitivamente exposta e justificada quando, após alinhar longa lista de nomes tidos como consagrados, entre os quais Antônio Pereira de Souza Caldas, José Bonifácio de Andrada e Silva, frei Francisco de São Carlos, o Marquês de Paranaguá, Januário da Cunha Barbosa, os viscondes de Pedra Branca e de Caravelas, além de outros, opina que foram arrolados por historiadores ou simples noticiadores da nossa literatura, na vã presunção de lhes emprestar valor, por não ser crível que realmente lh'o encontrassem. Evidenciando que, sôbre nomea-los adjetivam-nos com qualificativos que a leitura dos seus poemas não só desabona mas prejudica, concluiu : a máxima parte dêstes compridos nomes não despertará na memória do leitor, ainda ilustrado, reminiscência literária alguma. É como se lhe citassem poetas chineses. Os que não morreram de todo, de morte aliás, merecedíssima, vivem apenas numa vaga e indefinida tradição, mantida pelos professôres de literatura. E acrescenta ainda : algum raro amador das letras pátrias, mais por curiosidade que por gozo literário, lerá ainda, ou melhor terá lido, José Bonifácio, Eloi Otoni, Frei Francisco de São Carlos, Souza Caldas, talvez Pedra Branca. Os outros nem mais essa curiosidade despertam.

Temos aí, por inteiro definido, um padrão sistemático de crítica, ao qual não nos surpreende hoje que despercebidas passassem as manifestações literárias provincianas, na realidade, por fatôres múltiplos e diversos, sem condições de cotêjo com a metrópole intelectual do país.

O ensaista eminente e historiador das letras nacionais, entretanto, como crítico de poesia, foi acusado não só por falta de imaginação e sensibilidade como carência, absoluta, da noção de harmonia poética. Medeiros e Albuquerque, em

suas "Págicas de Crítica", colocou-o em polo opôsto a Silvio Romero, evidenciando neste ilustração filosófica infinitamente superior, apesar de deplorável julgador de méritos individuais, conquanto reconhecesse no Mestre paraense, nesses julgamentos, uma linha de que em geral não se afastava, mas faltando-lhe de tal modo a noção de harmonia poética que, na conversa, citando versos, citava-os errados, sem dar pela falta ou pelo excesso de sílabas. Conceito semelhante expendeu Manoel Bandeira em suas "Noções de História das Literaturas".

Já longe foram estas divagações. Tempo é de atentar para o panorama literário do Pará, na fase de intensa vibração em que pontificou a mocidade intelectual de que foi Olavo Nunes uma das expressões de vanguarda.

A eclosão de maravilhosa atividade mental que reuniu os talentos criadores da MINA LITERÁRIA foi vigorosa manifestação de força exuberante e produtiva. Inaugurada a 1º de janeiro de 1895, no Teatro da Paz, a Mina teve como orador Paulino de Brito, pois nela se congregara tôda a família intelectual da terra, das mais altas expressões da cultura aos jovens plumitivos da época, sendo "mineiros" honorários personalidades como Lauro Sodré, Serzedelo Corrêa, Paes de Carvalho, Américo Santa Rosa, o Conselheiro Tito Franco de Almeida e o Barão de Guajará.

O surgimento da Mina, conforme nos informa Eustáquio de Azevedo, foi magnífica hora de congraçação, pôsto que sete anos antes, em 1888, uma rivalidade injustificável, mas útil como incentivo literário, dividira em dois grupos o pensamento atuante, grupos que tinham como chefes, respectivamente, de um lado Paulino de Brito e João Marques de Carvalho; do outro, Olimpio Lima, espírito irrequieto e revolucionário, segundo a narrativa eustaqueana.

A Mina, por suas realizações, criou prestígio que se irradiou além-fronteiras do Pará, pelo menos em noticiário de jornais. E chegou à Europa, em livro da italiana Gemma Ferruggia, que aqui estivera e lhe deu destaque às atividades no livro "Nostra Signora del Mar Dolce" (Antologia Amazônica, 1ª edição — 1918).

Inexplicável é que lhe não houvesse dedicado duas linhas, pelo menos, no livro "Esboços Literários", o escritor Adherbal de Carvalho, que por aqui deambulara, justamente em 1895, e no livro relata uma viagem ao norte do país com intuitos de pesquisa literária, tendo-lhe nascido a idéia dessa pesquisa, como afirma no prefácio da obra, em face de ser a vida intelectual dos Estados tão desconhecida no sul e na própria capital da União, onde de vez em quando chegava um éco longínquo de algum nome provinciano que rápido desaparecia...

Êsse senhor Aderbal de Carvalho aqui escreveu uma carta-prefácio para o livro "COISAS PROFANAS", de Acrísio Mota, outro integrante da Mina, companheiro, portanto, de Olavo Nunes.

Há no livro um capítulo intitulado O NORTE LITERÁRIO EM 1895, no qual diz o autor ter na viagem estudado o movimento das letras desde Pernambuco ao Amazonas, com paradas no Ceará, Maranhão e Pará.

Pelo que escreveu, entretanto, mostrou-se homem cuja visão para as coisas do espírito só perspectivava duas distâncias, extremas : ou via muito de perto, com prejuizo das nuanças panorâmicas, ou enxergava tudo de longe, em tons fluidificantes... Daí a decorrência de alguns juizos decididamente eivados de exagêro. Assim, no seu entender, em Pernambuco a literatura era uma espécie de função obrigatória, um prato familiar do dia-a-dia (com perdão pela imagem culinária) pois lá se fazia literatura nos cafés, nos jornais, nas palestras íntimas, nos salões, etc.

No Ceará, que nada tinha a invejar a Pernambuco, a literatura chegava a ser mania. Não havia, para o sr. Adherbal, naquêle 1895, um cearense que não rabiscasse o seu conto, que não vivesse a idealizar romances... O cearense era literato por índole e por nascimento. O que a natureza negara ao solo, dera, à saciedade, ao povo : — a grandiosidade cerebral.

No Maranhão não havia literatura, os jornais só se ocupavam de política e de mexericos. Não havia uma associação literária, um jornal a feição, uma biblioteca pública, e a única particular existente, o Gabinete Português de Leitura,

fechara as portas por falta de assinantes. De holofote que fôra das letras pátrias, o berço de Gonçalves Dias tornara-se o "mais espectral acampto"... Mas o viajante escritor grafou também sua surprêsa pelo número de chaminés e bueiros baforando em extensas e compactas espirais, "o fumo da atividade humanal". Havia fábricas de tôda espécie na cidade, pelo que concluiu de que "de Atenas Brasileira que fôra, o Maranhão passara a ser a Manchester brasileira". Letras no Maranhão, só as de câmbio... Por fim, o senhor Adherbal conseguiu ver em São Luís "o destaque de alguns moços inteligentes levando a sério o labor mental, mostrando-lhe pronunciada vocação". E citou, no caso, entre outros, I. Xavier de Carvalho e Euclides Faria, que classificou "um satírico de primeira água, o qual já se fôra para o Pará, a entregar-se aos penosos, porém práticos, labores comerciais".

Sôbre o que classificou como a completa indiferença a respeito das belas letras na terra de Odorico Mendes, narrou o pesquisador o fato de ter desejado visitar o túmulo de João Francisco Lisbôa, para o que se dirigiu a um jornalista da terra, pedindo informação. O interpelado franziu os sobrôlhos, encolheu os ombros e, com a maior semcerimônia imaginável, disse ignorar... Soube, mais tarde, por um barbeiro situado em frente à igreja do Carmo, o qual lhe mostrou o local sob a nave onde repousa o mais ilustre dos historiadores regionais, ao lado de Sotero dos Reis.

Afinal, no Pará, o autor dos "Esboços Literários" viu a literatura mais ou menos cultivada com amor, com estudo e com algum proveito para os que começavam. E afirmava já ser numerosa a plêiade de escritores e poetas paraenses, citando alguns nomes em evidência, para finalmente escrever que o Pará, pela sua posição geográfica, tinha todos os elementos para, se quisesse, dar uma feição tôda local às letras pátrias, e criar uma literatura paraense, como João Lisbôa, Sotero dos Reis, Trajano Galvão, Gonçalves Dias e outros criaram o ciclo maranhense. Sôbre a Mina Literária, nem uma palavra, embora houvesse falado na Padaria Espiritual do Ceará, sua coletânea...

Cêrca de quatro anos viveu a Mina. Mas seus elementos mais jovens, sem orientação que lhes norteasse os caminhos. na maioria deixaram-se envolver nos vórtices da estúrdia. E assim, cêdo sairam da vida talentos fulgurantes como Frederico Rhossard, Natividade Lima, Leopoldo Souza, João de Deus do Rêgo.

Olavo Nunes, participando daquêle grupo alegre, era entretanto temperamento tranquilo, a boêmia desassizada não o contaminou nem seduziu. Disso tem-se comprovada certeza através de livros do próprio Eustáquio, onde se encontram episódios de ruidosas gaiatadas, nos quais, entre os costumeiros partícipes, seu nome não é citado.

Sua atuação, entusiástica, era nas atividades puramente literárias. Integrou o programa da reunião final do sodalício, recitando seu soneto "Pelo Verso", em homenagem a Coêlho Neto, naquela sessão recebido, e foi também um dos colaboradores do livro COÊLHO NETO E A MINA LITERÁRIA, dado a lume em comemoração daquêle acontecimento.

Os moços intelectuais da época, eram, com algumas exceções, auto-didatas, gente a quem o talento, em verdade, supria a deficiência de ilustração apreciável. O nosso poeta formava entre aquelas excessões. Fizera os estudos primários na Vigia, com o professor Manoel José Pereira de Carvalho, e ao vir para Belém, adolescente, realizou, proveitosamente, o curso secundário no "Ateneu Paraense", estabelecimento de propriedade e direção do seu tio professor Bertoldo Nunes, um dos destacados educadores do Pará àquele tempo.

Terminada essa etapa, com Euclides Dias, outro poeta e companheiro da Mina Literária, fundou o Colégio Minerva, que, meses depois, deixava. Sua vocação o atraia para as esferas do Direito, carreira que não seguiu certamente por falta de recursos. Mas foi Promotor de Justiça e o resto da vida passou-o entre autos, querelas, duelos de Jurisprudência que em seu cartório tramitavam.

O exercício do cargo lhe terá sido complemento às normas equilibradas de decência já demonstradas na juventude, quando vivera no meio daquela farândola de sonhadores para os quais o amanhã pouco fazia conta.

Na verdade, aqui e alhures, a filosofia de vida da mocidade intelectual, descuidada, de certa maneira exibicionista *pour épater* a sisudeza do meio, quase sempre indiferente, senão hostil, a rapaziadas, tais estouvamentos é que justificariam a assertiva de Sílvio Romero de que, no tempo de Casimiro, e naturalmente mais adiante, os intitulados *gênios* tinham um programa, cujo primeiro artigo era a libação do conhaque e o segundo era a vadiagem...

Olavo, poeta, era um ideólogo otimista. Sua visão interior não se deteve jamais na contemplação das fealdades e mesquinharias dos socavões da natureza humana.

Ao contrário, o fogo de alegria que lhe deu calor e iluminação à vida, se traduzido em música, não seria nunca a rajada estridente de um clarim, mas o trêmulo brincalhão de uma flauta...

Com frequência nos seus versos, da mocidade ou da velhice, perpassa breve, qual vôo fugitivo de inseto, a brejeirice quente de imaginários quadros em que deixou leve traço de uma quase ingênua lascívia. Por exemplo, diante da *Mameluca,* vislumbrada como

> Bizarra flor dos trópicos, viçoso
> brôto fecundo d'árvore frondente,
> fruto selvagem, túmido, seivoso,
> maturecido ao sol doirado e ardente,

da qual

> o olhar que morde é mais ferino e quente
> do que um sol de verão às três da tarde,

comunicando-lhe a impressão de que

> na carne, em fogo, onde a Volúpia mora,
> tem explosões de súplices dardejos,
> gritos de angústia pela noite afora...

Até no debuxo de uma paisagem de enternecedor bucolismo, cuida o poeta ver

> Ao longe, ao longe um lavrador cantando...
> ovelhas brancas, grandes bois pastando,
> carros, enxadas, foices e charrúa...
>
> Junto ao regato, a bôca rubra e quente,
> tôda banhada pelo sol nascente,
> bela serrana inteiramente nua...

Minhas relações com o poeta, cordialíssimas, iniciaram-se com meu ingresso na imprensa, em 1921. Na condição de foca da reportagem forense, agregado a dois veteranos no ofício, Julio Lobato, da FOLHA DO NORTE, e Liticiano Cavalero, do O ESTADO DO PARÁ, era-me como cumprimento de um ritual andar de cartório em cartório à cata de notícias que, sem importância maior que fôssem, para mim representavam uma áfrica se chegavam a sua meia dúzia diária. Que permanente era meu temor de algum "furo", ingênuamente convicto de que o evitaria, mesmo sem a condescendência camaradesca daquêles velhos e tarimbados catadores de novidades...

No cartório de Olavo Nunes, minha parada era sempre mais longa. Eu já aparecia na "Coluna dos Novos" de A PROVÍNCIA DO PARÁ, o meu jornal, era poeta "dos mais promissores", ao que diziam os maiorais das letras, os Xavier de Carvalho, Severino Silva, Remígio Fernandez. Resulta daí — mais tarde eu compreenderia — a atenção especial que me dispensava em nossas conversas, onde as letras eram assunto preferido. Olavo, com seu jeito discreto, sabia usar o *granum-salis* quando a palestra o exigia, opinando sempre com sagacidade de bom conhecedor de tricas forenses.

Diante de algum apimentado caso, relatado nas rodinhas, que estourassem gargalhadas dos ouvintes, êle ria também, mas ria quase silenciosamente.

Na fase inquieta dos primeiros arroubos, o poeta chegou a reunir trabalhos para a edição do primeiro livro. Denominou-o LARVAS e alguém o submeteu à apreciação de Paulino de Brito, escrevendo êste substancioso prefácio para a obra que, por fim, Olavo Nunes nunca fez imprimir. Pensou depois em outro — MANHÃS DE SOL — do qual a maioria das composições acabou publicada em revistas e jornais. Por fim, a MUSA VADIA, aparecida em 1929, mas igualmente já divulgada esparsamente. Essa coletânea de humorismos e sátiras saiu em edição da Livraria Globo de Belém, com preciosas ilustrações do saudoso magistrado e artista plástico Eládio Lima Filho.

A faceta do humor no espírito de Olavo Nunes terá sido aquela em que o poeta mais autêntico se sentia na interpre-

tação dos deslumbramentos e amenidades, ridiculezas, compreensões e intolerâncias constituintes dos dramas e tragicomédias do cotidiano. Isso leva a inferir as razões de sua preferência, na eleição das produções reunidas no seu festejado MUSA VADIA. Êsses trabalhos, quando de sua divulgação inicial, em épocas diversas, assinara-os com os pseudônimos de Zé Boêmio, Carlos-Heitor, Carlos-Augusto e José do Egito.

O gôsto pela poética de caçoada inofensiva, respeitada a devida proporção de espaço e tempo, conferirá, porventura, ao estro do nosso poeta a *moquerie temperée, o mordant sans fiel* há um século percebidos por Sainte-Beuve nas páginas de Boileau, também dêle já distante há mais de uma centúria de anos.

A poesia de Olavo Nunes não se lindou, entretanto, nos limites do verso gaio. Êle soube cultuar, como os melhores vates dêste país o fizeram, em relação a seu tempo, uma poesia de alta e clara limpidez vernacular, mensagem comovedora dos sentimentos mais puros que podem desabrochar e enflorescer o coração humano.

Foi, por isso, um sonetista de antológico merecimento, cujas imagens fluiam do coração com a fôrça da linfa virginal nascendo da rocha para o batismo irisante da luz... Ao compôr seus versos, uma preocupação que se lhe nota é a da ondulação rítmica, usando com elegância e graça vocábulos exdrúxulos para sua maior beleza, frequentemente.

Vejamo-lo, pois, em versos que seriam reunidos em seu MANHÃS DE SOL :

TUBERCULOSA

Já da vida a fugir, esgalga e leve,
ar de ave arisca em tímido voêjo,
inda a vida lhe aflora à bôca breve
na asa doirada e pálpita de um beijo...

Beijo que às faces pálidas, de neve,
lhe abre as rosas vermelhas do desejo,
e no olhar o crepúsculo descreve
de um sonho morto num fugaz lampejo...

Segue-a um brando ruflar de asas tranquilas,
e no azul transparente das pupilas
a alma lhe surge, palpitante e louca,

no atro anseio, nostálgico e dolente,
de insatisfeito e súplice e fremente
beijo de amor que lhe morreu na bôca...

PÚBERE

Loiro estema de luz cinge-lhe a testa
e a fulva auréola dos cabêlos touca...
O quente albor da puberdade em festa
abre-lhe em flor a púrpura da bôca...

Fulge, ao mago esplendor que o sol lhe empresta,
seu risonho perfil. Meu ser se apouca
vendo-a passar, como se a própria Vesta
passasse a rir e de cabeça louca.

A Mocidade irrompe-lhe nos olhos;
a Natureza explode-lhe nas veias
sanguínea, ardente, indômita, incontida...

E a Volúpia, a rugir, transpondo escolhos,
no arremêsso voraz das marés-cheias,
canta a aleluia rútila da Vida...

E da celebração dêsse epinício à adolescência grácil da Mulher, passa a dedilhar o heptacordo madrigalesco em louvor da feminilidade exótica de certa "Miss Mary", de quem diz :

Gosto de vê-la assim... Gosto de vê-la,
arisca e leve como um passarinho,
Vênus pagã, surgindo airosa e bela
dentre os espúmeos flóculos do linho...

E vou feliz, fantasiando um ninho,
recanto alegre de feição singela,
onde a ária do amor e do carinho
pompeasse, a cantar nos lábios dela...

Descem-lhe pelas ancas em novêlos,
os longos, bastos, aromais cabelos,
da negrura da pele de um etíope...

A luz, que tem no olhar, ao sol ofusca,
e canta no cristal, que arde e corusca,
dos seus doirados óculos de míope...

Não se encontra, em tôda a numerosa produção poética de Olavo Nunes, nada de cantilenas piégas, desabafos de choramingas a que não fugiram muitos versejadores de seu tempo, mania que levou Silvio Romero a observar que poucas literaturas são tão férteis em produtos de falsa tristeza, de sentimentalismo afetado como a brasileira...

E bem mais perto dos dias correntes, Adonias Filho, em "Tasso da Silveira e o Tema da Poesia eterna", também opinou que a poesia no Brasil, excetuando-se naturalmente alguns poetas, sempre foi uma poesia falsa, decorativa, construída intencionalmente para satisfazer o sentimentalismo do povo, poesia sem vibração, sem consciência eterna, sem inflexões perigosas, quase pusilânime no seu lirismo infantil...

Diante do que nos deixou Olavo Nunes, não se constitui temeridade, muito menos benevolência no julgamento de um morto, afirmar, com serena convicção, ter sido êle um daquêles que a excessão de Adonias Filho excluiu do pecado da mediocridade lamentadora de indústria.

Nêle o ironista, mestre numa caricatura em bem rimado metro, havia igualmente o condão de empoar de doirada ternura todos os sêres de que se sentia envolver por misteriosa graça imanente.

Sentimo-lo assim através de uns versos cuja origem êle revelou no seu discurso de recepção a Eustáquio de Azevedo na Academia Paraense de Letras, ao dizer :

O que é certo, sr. Eustáquio de Azevedo, é que a velhice não nos apavora. Um dia, contemplando uma velha, secular mangueira, cantei à sua sombra as minhas aspirações, ao tempo em que os cabêlos brancos me coroassem a fronte. Os versos, que então declamou, são êstes :

Se esta mangueira secular falasse,
quantos sonhos de amor, quantas venturas,
ao farfalhar da cúpula, fremente,
ela, talvez, num hino nos contasse.

A majestade tem das catedrais...
E, certo, fôra aqui que celebraram,
nêste trecho ideal do paraiso,
o seu amor nossos primeiros pais...

Ante esta velha, secular mangueira,
eu me descubro respeitoso e crente,
como se fôra o túmulo sagrado
dos sonhos todos da mulher primeira.

Alta, soberba e múrmura, se eleva
a fronte augusta, onde minha alma escuta,
a volúpia inicial dos beijos de Eva,
a gorgear na música dos ventos.

Essa velhinha tímida que vejo,
encarquilhada, e trôpega, e, tão branca,
tivera aqui o seu primeiro idílio,
aqui colhera o seu primeiro beijo.

Êsse velhinho pálido, ofegante,
todo acurvado e tímido a seu lado,
talvez fôsse o seu último namôro,
e foi, de certo, o seu primeiro amante.

Sob o verde parágua, que ressoa
ao chilrear dos pássaros, os dois,
vêm recordar as coisas do passado,
e a árvore gigante os abençoa.

Amor de outrora, límpido e fugace
sonhos, segredos, ilusões, quimeras,
tudo ressurgiria aos nossos olhos,
se essa mangueira secular falasse.

Por ela, à noite erra cantando a côrte
das meigas almas, cândidas e puras,
dessas velhinhas tôdas que se foram,
arrebatadas pelas mãos da Morte.

E quando, no alto, o plenilúnio assoma,
nas estreladas noites de verão,
tênue véu de noivado, luminoso
desce e lhe envolve a farfalhante coma.

E ao romper festival das alvoradas,
bela esmeralda úmida das franças
vibra a fanfarra estrídula dos pássaros,
saudando a luz em fortes clarinadas.

Possamos nós também, um dia em francas
recordações, velhinhos já, saudosos,
sob essa eterna cabeleira verde,
sorrindo unir nossas cabeças brancas...

Plectro versátil, a variação de temas não lhe era embaraço à concepção de delicadas e festivas crônicas urbanas, tais as que durante largo tempo publicou na FOLHA DO

NORTE, a cujo quadro redacional se integrara, depois da primeira experiência jornaliística no O DIÁRIO, onde lançara a seção MUSA VADIA.

As crônicas, em redondilhas sonoras, geralmente, traziam a epígrafe de BELÉM VISTA DO ALTO, constando algumas delas do livro MUSA VADIA, já sob o título A CIDADE A VÔO DE PÁSSARO.

Dos quadros nelas fixados, boa mostra é esta oitava referente ao arraial nazareno :

E à noite, na vasta praça,
que em profusão se ilumina,
quanta formosa menina
enche-a de brilho e de graça !
E a seguir um vulto airoso,
de elegante e nobre porte,
quanto pirata ocioso,
quanto malandro sem sorte !...

Ainda na FOLHA DO NORTE, com outra coluna de gôzo político — PARLAMENTARES E PRALAMENTARES — perfilou, em sonetos chistosos, intelectuais amigos.

Não me perdoaria a escusa de citar quatro dêles, dos mais significativos, por serem de personalidades dignas de aprêço intelectual.

Temos assim

REMIGIO FERNANDEZ

É da terra da graça e do **salero**,
e conhece o Pireu, conhece Rodes...
Traz nos fulvos remígios dos bigodes
loiro par de alemães a **caballero**...

Faz sarilho na imprensa, bota muque;
quando disputa, ninguém diz mais nada...
de coiro de francês faz marmelada,
escondido na pele de von Kluck...

Veio das quentes terras de Toledo :
É **valiente** de raça, e não tem medo
de punhais, de navalhas e de facas...

Quando anda, lembra um cruzador germano,
comboiando, do Amor no vário oceano,
arruinada quadrilha de polacas...

Do Dr. ELIAS VIANA

Na áurea quadra das róseas primaveras
foi como nós, um sonhador e um poeta...
Hoje, num canto, numa paz discreta,
a lira dorme, entretecida de heras...

E êle, esquecido das passadas eras,
fez-se da Lei um fervoroso atleta...
Puxa o bando na Câmara, onde afeta
o jeito e o tom de um domador de féras...

Vimo-lo a pé, no círio, concentrado
numa atitude mística tamanha,
que o próprio Eládio, pálido, assombrado,

fez: — Que malandro!... Aquilo tudo é manha...
Você não vê como êle vai calçado?...
Porque descalço... nem a Virge' o apanha...

Do Dr. BENEDITO FRADE

Talvez seja, na Câmara, o mais nôvo
dos licurgos indígenas do norte...
Embarcou na política com sorte
pelos braços simbólicos do povo...

É o viçoso e florífero renôvo
dêsse que disse em lúcido transporte:
— Do conúbio do galo e da consorte
sempre resulta êste acidente — um ôvo...

Um dia a um jovem médico, em risonha
prosa, êle abria o coração que sonha,
virgem de desenganos, nu de mágua...

Vimos depois a despedida ardente:
— Sempre, para o servir, Castro Valente...
— E eu, Castro Frade até debaixo d'água...

E, para finalizar esta Galeria,

Dr. THEODORO BRAGA

Um palmo?... dois?... Vá lá saber a gente
as dimensões dessa famosa penca...
Té parece nariz só para encrenca:
sempre vermelho, arrebitado e quente...

Mas não, senhores; é nariz de artista,
e dêste ajuda o mágico pincel...
Empenhados da Glória na conquista,
juntos correm na tela e no papel...

Quando — pronto — o nariz grita atrevido,
logo o pincel responde-lhe "mim dobra", —
numa voz de inglês bêbedo de anís...

E se, murcho, o pincel tomba vencido,
para os finais retoques da mão d'obra
inda lhe fica, túrgido, o nariz...

Bem... de retratos, ou caricaturas, melhor dizendo, parece-me que a exibição foi suficiente... Mas Olavo Nunes, à maneira de cineasta sempre em busca de um documentário, mesmo de curta metragem, não deixaria sem o timbre do sarcasta congênito, tipos que há coisa de meio século tiveram ridícula notoriedade, sendo alvo de muita chufa, até como motivo de canções carnavalescas. Pintou, pois, o poeta, as figuras da *Melindrosa* e do *Almofadinha* nos seguintes versos:

Estilhaços de sol na loira trança,
no ardente olhar irradiações de aurora,
guarda na voz a música sonora
de uma canção de amor e de esperança...

Quando o seu vulto senhoril avança
na avenida, esta, súbito, se enflóra,
e a gente vê, por entre flores, Flora
a lhe guiar os passos de criança.

Passa ridente, e a multidão, de rastro,
nos olhares atônitos, a furto,
segue-lhe a alegre trajetória de astro:

e nota — entre a elegância das botinas
e a leve fímbria do vestido curto —
escandaloso par de pernas finas...

* * *

Provocando a atenção de quem quiser,
cinturinha de vêspa, e raspadinho,
passa por nós dengoso senhorinho,
nuns passinhos assim de quem não quer...

E nem procura disfarçar siquer
o pó de arroz e as tintas do focinho...
Tem no ligeiro andar apertadinho
uns felinos requebros de mulher.

Vendo-o passar assim, todo faceiro
sem decôro, sem linha, sem dinheiro,
nuns jeitos feminis de Theda Bara,

Diz a preta do leite, abrindo em francas
gargalhadas, e pondo as mãos nas ancas:
— Qui sem vergonha! nem respeita as cara!...

O feito do pescador vigiense Josino Cardoso, em 1926, salvando das fúrias do mar, nas costas norte-paraenses, a tripulação de um avião argentino que alí caíra, mereceu do poeta uma Carta-poesia em que deixou falar o coração num surto festivo de sua querença pela terra saudosa da infância. Dessa carta, em linguagem tipicamente cabôcla, mas muito longa, pereceu-me bem destacar as estrofes mais expressivas, inclusive por aludir uma delas, num gracejo com o nosso prezado Santana Marques, a certo folclorístico uso do ciprinodontídeo de que é apontado como contumaz pescador...

Assim falou Olavo a Josino :

Cabôco veio de guerra,
parente dos sertanejo,
qui nasceste lá na terra
dos Palhas e dos caranguêjo :
ouve as voz, escuta os brado
qui nestas linhas te invia
quem tem o imbigo enterrado
nos tijuco da Vigia.

Mas nós têmo amor e fé :
sarvêmo quem tá em perigo
sem preguntá donde é.
Cabôco sarva quem morre,
seja bicho ou seja gente
Adispois toma o seu porre
e dorme tranquilamente.

Josino, meu nêgo, abraça
quem te abraça com fervô :
tu és orgulho da raça
e honra dos pescadô.
Enquanto ferraste o pano
da vigilenga macia,
fizeste mais qui em cem ano
a nossa diplomacia.

Josino, tu mêmo é taco,
mas és taco federá.
Já não sêmo mais macaco
pros nossos irmãos de lá.
Vê como o destino pune
aquêles qui tem duas cara :
agora tudo nos une
e nada nos assepara.

— "Viola, porque te tanjo ?...
curação, qui é qui tu tem ?
adeus Joana, meu anjo,
inté prós lanço qui vem..."
A voz se perde na água
e se desfaz no luá,
e a gente, cantando as mágua,
bota também a chorá.

É triste deixá o ninho
na hora do nosso embarque :
que o diga o nosso sobrinho
de nome Santanamarque
Te lembras dêsse maruto ?
quando nós se distraía
se punha a pegá tralhuto,
não sei pra que sirvintia.

Adeus, dá lembrança ao Jona,
aquêle Jona assimzinho,
qui foi o terrô da zona
no tempo em qui era mocinho.
Êsse qui esteve umas horas
no bucho duma baleia,
e adispois, sem mais demora,
a bicha cuspiu na arêia.

No Henrique Palha tu joga
um bêjo — é cabra cutuba
no cabo da jiga-joga,
na pesca da guriiuba.
E abraça, mano Josino,
teu mano do curação :
quebra as costela, minino,
do Xico Pantaleão.

Após o total sucesso de MUSA VADIA, Olavo comecou a elaborar outro livro, com o título de VERSOS DIVERSOS. Li-o nos originais, graças à cordial gentileza inestimável de seu ilustre neto, o meu jovem amigo dr. Evaristo Nunes.

Dedicara-o, em conjunto, a dois velhos companheiros da distante mocidade : Eustáquio de Azevedo e Carlos Victor. E uma enternecedora surprêsa me envolveu ao abri-lo : o primeiro poema do caderno era-me oferecido — PARA A GLÓRIA DE UNS OLHOS VERDES, logo seguido de outro, OLHOS NEGROS, ofertado a Severino Silva. Delicadamente, o velho e glorioso poeta me fazia recordar palavras de estímulo que lhe ouvira, aí por volta de 1924, quando pelas colunas de BELÉM NOVA eu publicara versos de exaltação a outros olhos verdes...

Em VERSOS DIVERSOS Olavo Nunes divertiu-se escrevendo pilhérico romance de marcada feição rabelaiseana, que talvez nem viesse a divulgar, mas vale a pena conhecer por seu conteúdo de malicioso chiste.

MUSA VADIA é o título. E assim fala o poeta :

Examinando uma montra
gastava as horas atôa,
quando uma dona bem boa
deparei juntinho a mim.
Sorriu também — simpatia —
"Seu nome ?" — "Musa Vadia".
"Quer vir comigo " — "Pois sim".

Após ter-lhe dado o braço,
seguí ufano e contente,
mostrando-me indiferente
aos sorrisos de desdem
dos censores infelizes
que evitam — pobres araras ! —
os jovens todos que, às claras
relações com Musas têm.

Mais tarde, já no meu quarto
deitados na cama estando,
ela me foi relatando
passagens do seu viver.
Contou-me coisas alegres,
falou-me das amizades
e certas intimidades
com homens d'alto saber.

Falou nos mestres, poetas,
jornalistas, professores,
deputados, senadores,
aos quais já fêz "cafuné".
Entre outros : Álvaro Adolfo,
Mestre Estevam de Oliveira,
Maranhão, Rocha Moreira,
até "seu" Lauro Sodré !

E sempre me deleitando,
tratou de assuntos diversos;
recitou-me lindos versos
de tôda a côr e feição.
Conversou comigo tanto,
cada vez mais me prendendo,
que as horas foram correndo
e eu na... vadiação.

Porém não perdi meu tempo:
alcancei na companhia
da alegre MUSA VADIA
um completo bem-estar.
Minha alma abriu-se em sorrisos
as seus encantos gozando
que triste senti-me quando
esgotada a ví ficar...

Sem preocupações de fazer história literária, mas possuidor de preciosa documentação dos movimentos intelectuais de que participara, Olavo Nunes escreveu pela FOLHA DO NORTE, em maio de 1938, valioso artigo dirimente de dúvidas em tôrno da Academia Paraense de Letras, de que fôra um dos fundadores, estabelecendo, de uma vez, a data verdadeira da fundação do silogeu — 3 de maio de 1900 e não 10 de agosto de 1913, como se vinha noticiando. No artigo em tela, minucioso nas informações, relatou, inclusive, o agastamento publicamente manifestado pelo autor de "Ensaios de Crítica", o ilustre paraense Alvares da Costa, para se afirmar o autor da idéia da criação de uma Academia no Pará, e levando mesmo sua irritação em carta mais ou menos desabrida — disse Olavo — ao cônego Ulisses Penafort, por ter êste, em artigo na PROVÍNCIA DO PARÁ louvado a João Marques de Carvalho atribuindo-lhe a paternidade da idéia...

Há na vida do poeta de MUSA VADIA uma página da mais alta e dignificante beleza moral, a apontá-lo à posteridade na íntegra expressão do homem de letras, do cidadão decente e, sobretudo, intérprete do celso valor da amizade.

Essa a sua atitude para com a memória de outro poeta, seu companheiro e fraternal amigo, o inditoso Natividade Lima, aos 26 anos arrebatado pela morte.

Ao fundar-se a Academia, na escôlha dos patronos das cadeiras, Olavo elegeu para a sua, a de número 32, o nome de Natividade Lima.

Depois, depositário do acêrvo intelectual do amigo, o livro MUSA BOÊMIA, durante mais de seis lustros o guardou avaramente, até que, na efetivação de um auto-compromisso pôde, afinal em 1929, lançá-lo a público, tendo a ajudá-lo na emprêsa Eustáquio de Azevedo.

Noticiando, em sua edição de 4 de agosto de 1942, a morte de Olavo Nunes, a FOLHA DO NORTE fê-lo nestes têrmos:

Perderam as letras paraenses, com a morte de Olavo Nunes. um temperamento de raro valor e a poesia da Amazônia vê partirem-se com êle as cordas de uma lira cheia de emoção, de graças e de estesia.

Os seus setenta e um anos extinguiram-se floridos e palpitantes de mocidade espiritual, tantas vezes revelada nos acórdes de sua musa, que jamais deixou de cantar e encantar.

Parece findar, com seu desaparecimento, uma geração de artistas que, ávida de perfeição, fazia do verso um escrínio de belêza pura. Para consternação dos que amam a poesia harmoniosa, vasada com pensamento alto e emotividade sincera, vão morrendo, aos poucos, os sonhadores da fina estirpe de Olavo Nunes. Fica a se debater entre nós, com o rótulo de poética modernista e renovadora, uma algaravia sem sentido, sem rítmo, sem sensibilidade.

Olavo teve sempre segura e sóbria compreensão da arte, do mundo e da vida, a ela aplicando, através de suas estrofes, uma forma espontânea, simples, ingênua e comunicativa. Criava paisagens ideais, tecidas do que a natureza tem de mais lindo e suave. E dava-lhes, com o toque da inspiração, o vigor da vida humana ao traçar, dentro delas, a linha dos caracteres, o esbôço das almas.

Juntavam-se-lhe a êsses predicados de inteligência, o vigor e a graça de seu coração, sua honestidade pessoal incorruptível, seu devotamento ao trabalho, sua dedicação ao lar e aos amigos.

Não faltaram, por isso, ontem, ao cortêjo de seu féretro, o comovido afeto do vultoso número de pessoas que o estimavam e a piedosa oferenda de corôas e flores, numa expressiva significação do que foram sua existência e sua obra.

Ja na manhã de ontem o próprio chefe do Estado visitara o corpo do ilustre morto, na câmara ardente erguida em sua residência, e à saída do préstito funebre, se fez representar s. exa. por seu oficial de Gabinete, sr. Corrêa Pinto, também companheiro de Academia do pranteado poeta.

As FOLHAS mandaram testemunhar à família enlutada a sua profunda mágoa e desta foi mensageiro o nosso colega José Santos.

Grinaldas em grande número e festões de rosas e angélicas guarneciam o ataúde, ricamente confeccionado. E um longo desfile de automóveis e ônibus trasladou para o cemitério de Santa Izabel os despojos mortais do venerando paraense.

Ao chegar o esquife à beira da sepultura em que ficou inhumado, proferiu o adeus de eterna saudade, em nome da Academia Paraense de Letras, o dr. Oswaldo Viana, que disse palavras de evocação, de louvor e de amargurado sentimento, pondo em luminoso relêvo os principais atributos do eminente poeta".

Essa notícia, publicada há vinte e nove anos, relida nêstes dias reaviva na saudade dos que conviveram com o velho poeta as exatas dimensões de sua estatura moral e artística.

Anatole France, no prefácio de suas *Bôdas Corintias*, escreveu que, iniciado em algum divino mistério ao começar a existência, o homem sempre sonhará. E indagava : — Que importa que o sonho minta se êle é belo ? Não é o destino dos homens ser mergulhados numa ilusão perpétua ? E essa ilusão não é a condição mesma da vida ?

Nessa inabalável intuição da axiomática destinação humana é que, na magistral exaltação da poesia de Gautier, proclamou feliz quem, para celebrar a glória da vida, seu turíbulo encheu de rítmos perfumados...

E para Banville, que êle sentiu ter Deus na sua bondade feito nascer com alma de rouxinol e aos sessenta e oito anos morreu jovem por ser um poeta, desejou que dormisse num túmulo branco e risonho, sôbre o qual se esculpisse uma lira e se plantasse júvene loureiro...

Na glorificação da memória do nosso poeta, a honorificência desta homenagem do Egrégio Conselho Estadual de Cultura, para minha sensibilidade, ainda por que um milagre da imaginação, é como se nesta hora, simbòlicamente, estejamos a erguer sôbre a campa de Olavo Nunes imponente e gloriosa sumaúma, para espalhar, generosa, nas asas do terral e sob as bençãos da luz sua paina translúcida, a repetir, céus a fora, a sinfonia cordial de álacre sonho e de beleza da poesia imortal que êle deixou.

FALANGOLA

imprimiu

1527
Cmp.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura